

INVESTIGAÇÃO/CIENCIA/REUNÃO


SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

# Verbas para investigação ficam em Lisboa

## — afirmou um participante nas Jornadas Científicas

**Em 1984, Lisboa consumiu 88 por cento das despesas com investigação e desenvolvimento experimental, ao passo que o Norte ficou-se pelos 2,8 por cento, o Centro pelos 4,4 por cento e as ilhas pelos 3,2 por cento.**

A INFORMAÇÃO foi dada pelo dr. Braga da Cruz, presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, numa mesa-redonda sobre investigação, inovação e desenvolvimento regional, no âmbito das Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica, que têm decorrido em Lisboa.

A descentralização foi, aliás, a principal tónica das diversas intervenções ali feitas. Braga da Cruz disse ainda que «não há universidades a mais, todas são necessárias», mas, friso, é preciso que «as universidades das regiões sejam um pólo tão criador como as das cidades». Referiu, também, que «o Estado consome quase metade das despesas de investigação».

Carmelo Aires, da Comissão de Coordenação do Alentejo,

sublinhou a necessidade de «políticas de desenvolvimento abrangendo o todo nacional», para apontar, depois «as assimetrias e injustiças existentes em todo o País». E salientou: «O Alentejo é uma região onde o subdesenvolvimento constitui um todo para a globalidade da zona», lembrando que ali se encontra apenas 5,6 da população portuguesa, uma vez que «os mais jovens e mais dinâmicos escolheram outras regiões para trabalhar, viver e preparar o seu futuro». Aludiu, também, à «falta de estrutura empresarial», bem como «à injustiça na repartição dos recursos humanos, financeiros e equipamentos». Lamentou, por fim, que «o desafio da integração europeia não tenha sido ainda suficientemente aproveitado para modificar este estado de coisas».

O eng. Fidélis Guerreiro, presidente do Núcleo Empresarial de Setúbal, lembrou a enorme importância, na península setubalense, do sector das pescas e conservas, o qual, contudo, «não tem o futuro perspectivado». Apontou a existência de «problemas muito sérios» e ponderou que, na sua resolu-

ção, as novas tecnologias não podem ser esquecidas. Lamentando que as diversas instituições regionais não se conheçam nem dialoguem, apelou à concretização da interacção universidade-empresas-autarquias, «para Portugal se poder desenvolver harmoniosamente».

mas criticou o facto de os apoios da CEE, e nomeadamente do Fundo Social Europeu (para formação), não serem convenientemente articulados.

O eng. João Cravinho falou dos problemas fundamentais do tema em debate, ou seja, recur-

sos humanos, ligar a oferta e a procura de inovação (sendo que é na procura de inovação que há mais falhas), implementar a organização das empresas e instituições (nas vertentes social, cultural, educativa), ter em conta a formação, não apenas inicial, mas dar-lhe continuidade na própria vida activa dos técnicos, e, finalmente, lembrou que, havendo potencialidades enormes, torna-se necessário estabelecer alianças de cooperação e colaboração. Disse também que, para inovar, é preciso «deslocar e arrumar a tecnologia existente», pois, asseverou, «inovar e fundamentalmente um processo social», que, entre nós, «tem estado secularmente bloqueado».

Por sua vez, o prof. Carvalho Guerra, da Universidade do Porto (Escola Superior de Biotecnologia), chamou a atenção para a influência da ciência e da tecnologia, ou seja, da investigação, na produtividade, revelando, a propósito, que essa influência é de 65 por cento nos EUA, de 40 por cento no Japão (mas 75 por cento em electrónica), ao passo que na URSS, por exemplo, não passa dos 15 por cento. O professor Carvalho Guerra explicou a importância de uma «federação nacional de interesses nos projectos do mar e da agricultura», muito apoiada pelas experiências das diferentes regiões. Interrogou-se

também sobre qual a interacção universidade/empresas, tendo em conta que a CEE exige competitividade.

O prof. Borges de Gouveia, da Universidade do Porto e do INESC, dissertou, especialmente, sobre o futuro da escola, depois de perguntar «como vamos nós perspectivar a transição do século?». Em recursos humanos, disse, «o sistema educativo é frágil e sem projecto mobilizador», pelo que, frisou, «a criatividade e a inovação estão a desaparecer da escola».

O dr. Serra de Almeida, da Comissão Coordenadora de

Lisboa, lembrou que em reunião como a que estava a decorrer «impõe-se também a presença dos homens da banca e dos seguros», porque, disse, «inovação representa investimento».

Um técnico dinamariquês falou de experiência do seu país nestes domínios, realçando a necessidade de «soluções novas para a Península de Setúbal» e a «dinamização do sector público com nova orientação empresarial».

O dr. Oliveira Fernandes, vice-reitor da Universidade do Porto, depois de sublinhar que «o problema que nos mobiliza é o da inovação», contestou a «preocupação doentia do produto», o que, em seu entender, pressupõe uma mudança de mentalidade para um efectivo avanço científico-tecnológico. Acusou também os agentes da administração pública de «serem ignorantes em termos tecnológicos», para afirmar que «um dos nossos erros é estarmos permanentemente a «começar, sem darmos continuidade ao que se começa».

O director do Projecto Minerva e professor da Universidade de Coimbra, Dias de Figueiredo, falou do médio e do curto prazo na inovação e na educação — classificando esta de «in-

dústria do futuro» —, enalteceu a «função crucial do capital humano» e revelou que, em alguns distritos do País, do Norte para o Centro, «concentra-se cerca de 56 por cento da população activa dos próximos 15 anos». E perguntou: «Que vamos fazer dela?». Em sua opinião é preciso fazer para a educação a revolução que desde Galileu se fez para a ciência».

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

# Os «media» são instrumento do Poder

## — sustentou Mário Mesquita falando de Comunicação Social

NA SOCIEDADE portuguesa, «os media não são encarados como indústria, mas como instrumento de diversas instâncias do Poder», salientou Mário Mesquita ao falar, ontem, nas Jornadas Científicas, sobre «Sistema Industrial Estratégico: Comunicação — A Indústria dos Media».

Na sua intervenção, no âmbito do programa FAST (Previsão e Avaliação em Ciência e Tecnologia), Mário Mesquita sustentou que «esta perspectiva dos media, comum ao sector público e ao sector privado, marca a distinção entre a sociedade portuguesa e as sociedades industriais desenvolvidas, em termos de Comunicação Social».

O antigo director do DN e actual membro do Conselho de Comunicação Social constata, por outro lado, que «essa

instrumentalização não é meramente conjuntural», acrescentando que, «na sua origem, há motivações económicas, como seja a exiguidade do mercado, mas também históricas e culturais: a prolongada ruptura com as experiências democráticas oitocentistas e do primeiro quartel do século XX».

«As debilidades presentes da indústria dos media», asseverou Mário Mesquita, «não auguram um futuro tranquilo, sem crises, nem sobressaltos, mas tão-pouco obrigam a prever com pessimismo, a perpetuação do ciclo do marasmo, da dependência e da mediocridade cultural.» Mário Mesquita assinala ainda várias linhas de evolução até ao final da década de 80, nomeadamente, afirmação dos primeiros grupos *multimedia*, redu-

ção do número dos jornais diários, redução do sector público, mas, sublinhou, «de forma menos drástica do que a proposta pelo Governo», e renovação do conteúdo dos jornais.

Por seu lado, Jorge Correia Jesuino, professor de Psicologia Social e Organizacional do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, procedeu ao levantamento e análise das políticas e tendências que se verificam em Portugal no domínio das tecnologias de informação, debruçando-se, detalhadamente, para três grandes vectores (telecomunicações, informática e meios de comunicação social). Referiu, a propósito, as suas principais interacções e convergências.

Na segunda parte da sua comunicação, Correia Jesuino

procedeu à descrição e análise das principais iniciativas levadas a cabo no País e que, de algum modo, correspondem, quer em sentido lato quer em sentido restrito, ao conceito de experimentações sociais com tecnologias de informação, utilizado no âmbito do FAST. Finalmente, Correia Jesuino examinou os reflexos (e as reflexões) que a introdução das tecnologias de informação têm suscitado em cientistas sociais e líderes de opinião.

A propósito de comunicação, da parte da manhã, um grupo de jornalistas estrangeiros, acompanhados por colegas portugueses, visitou o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, tendo sido informados do seu funcionamento e dos seus objectivos, nas diversas áreas da investigação.

Investigação Científica - Jornadas

